

DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol21n47.7257>

## Pandemia da violência contra mulheres: análise de Redes Semânticas de comentários do Twitter

*Pandemic of the violence against women: analysis of Semantic Networks of Twitter comments*

Renata Barreto Malta<sup>a</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7414-9081>

Aianne Amado<sup>b</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6754-2715>

Pedro Meirelles<sup>c</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6460-520X>

Submetido em: 21/08/2020. Aceito em: 29/09/2020.

### Resumo

Este artigo investiga o debate sobre o machismo e a violência contra a mulher no Twitter em período de isolamento social provocado pela Covid-19. Para tanto, realizamos uma Análise de Redes Semânticas, por meio do *software* WORDLINK, do *corpus* selecionado. Como resultado, identificamos três temas centrais: *machismo e violência contra a mulher; quarentena e isolamento social; crise na saúde pública e o papel do estado*, com linhas discursivas que se conectam em nós e que revelam o caráter panfletário da rede.

**Palavras-chave:** Covid-19 e isolamento social. Comentários do Twitter. Violência contra a mulher. Análise de Redes Semânticas.

### Abstract

This article investigates the debate about the machismo and the violence against women in Twitter during the social isolation caused by Covid-19. Therefore, it has been performed a Semantic Network Analysis, by the WORDLINK software, of the selected corpus. As a result, it has been identified three central themes: *machismo and violence against women; quarantine and social isolation; crisis in public health and the role of the state*, with discursive lines that are connected into knots, revealing the web has a pamphlet feature.

**Keywords:** Covid-19 and social isolation. Twitter comments. Violence against women. Semantic Network Analysis.

<sup>a</sup> Universidade Federal de Sergipe – Brasil. E-mail: [renatamaltarm@gmail.com](mailto:renatamaltarm@gmail.com)

<sup>b</sup> Universidade Federal de Sergipe – Brasil. E-mail: [aianne\\_amado@hotmail.com](mailto:aianne_amado@hotmail.com)

<sup>c</sup> Universidade Federal Fluminense – Brasil. E-mail: [pedrorcmeirelles@gmail.com](mailto:pedrorcmeirelles@gmail.com)

## Introdução

De modo previsível, o isolamento social consequente da pandemia levou ao aumento do consumo de internet, inclusive dos sites de redes sociais. Um estudo realizado pela Comscore estima que, no Brasil, os minutos despendidos nestas mídias aumentaram em 19% durante a quarentena, com um crescimento de 26% de consumo nas páginas na primeira semana da pandemia (UCKUS, 2020). Se esses ambientes virtuais já representavam a amplificação e manutenção de conexões sociais *offline* (RECUERO, 2017), o confinamento os torna centrais no que concerne à socialização para além do lar. Dentre as diversas implicações que esse novo consumo traz, interessa-nos a apropriação desses espaços como esferas públicas que favorecem o debate político e a formação da opinião pública (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015).

Elegemos o Twitter como plataforma a ser estudada não apenas pelo mapeamento mais acessível quando comparado a outros sites, mas, principalmente, pelas apropriações que os usuários fazem da plataforma, podendo dar-lhe um caráter panfletário (RECUERO, 2016), o que se escancara diante de uma pandemia sem precedentes. Através da *hashtag* #coronavírus, o pesquisador Fábio Malini (2020) mapeou as diversas narrativas que o vírus gerou entre os *tweets*, constatando que a Covid-19 foi pauta do site ainda antes de sequer chegar ao país (o primeiro post nacional com a *hashtag* data de 8 de janeiro), ainda associando a doença ao desconhecido. Já, a partir do dia 21 de janeiro, as menções ao termo crescem exponencialmente, agora com uma nova narrativa: o alerta sobre a urgência da doença mencionado por usuários, especialistas, portais de notícia e perfis ligados ao governo.

Desde então, para muitos usuários, a rede continua sendo importante fonte de informação (e também de desinformação e *fakenews*) sobre a pandemia e assuntos correlatos, dentre eles o aumento da violência contra a mulher e outras desigualdades de gênero. Essa problemática, ainda que velha conhecida, emergiu para o debate quando associada à pandemia da Covid-19 e, mais especificamente, ao isolamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde.

A importância das redes sociais como espaço de reflexão e debate - por vezes dando forma a embates marcados por diferentes posicionamentos ideológicos - se escancara na atual conjuntura. Mais além, esses ambientes abrem possibilidades a campanhas de conscientização acerca do problema, advindas, inclusive, de canais oficiais do governo. Referimo-nos à parceria entre o Twitter e o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos no desenvolvimento da *hashtag* #Existeajuda, que leva o usuário a “páginas com informações sobre o Ligue 180, violência doméstica e familiar e sobre a rede de atendimento a mulheres em

situação de violência e vulnerabilidade social e econômica”, iniciada em 27 de julho (MUNIZ, 2020, n.p.).

Assim, em uma perspectiva mais ampla, somos instigados a compreender como se reverbera a discussão sobre o machismo e, mais especificamente, a violência contra a mulher no Twitter. Para tanto, propomos uma pesquisa empírica a partir da Análise de Redes Semânticas de *posts* que circularam nessa plataforma ao longo dos dois primeiros meses de quarentena consequente da pandemia do novo coronavírus, focados em uma questão específica: a desigualdade de gênero.

No que concerne ao estado da arte, dentre os artigos publicados identificados ao longo da bibliometria, encontramos apenas um que tratava propriamente da violência contra a mulher e da pandemia pela Covid-19 (desconsiderando versões *preprint*). Sua publicação se deu em uma edição especial e sua proposta apenas delineia um panorama acerca do problema, considerando dados ainda incipientes. Mesmo assim, ele apresenta conclusões que constata o aumento da violência contra a mulher durante o isolamento social como um fenômeno global, alicerçado em uma sociedade patriarcal, androcêntrica e misógina (VIEIRA; GARCIA; MACIEL, 2020).

Outros artigos, mesmo que não contextualizados neste período de pandemia, dialogam com este estudo por tratarem da violência contra mulheres e expressões do machismo nas redes sociais digitais. Com diferentes propostas teórico-metodológicas, sua contribuição se localiza no estudo da arquitetura das redes sociais, identificação dos atores sociais na esfera pública digital, possibilidades de atuação e recirculação do conteúdo publicado (MARADEI; SANTOS, 2017, ÁLVARES, 2017). Ademais, delineiam-se variadas linhas discursivas, com alinhamentos ideológicos contraditórios, revelando que ativismo feminista e misoginia ocupam essas arenas (RECUERO; SOARES, 2013).

Além da revisão de literatura, seguiremos uma trajetória empírica embasada em diretrizes metodológicas devidamente explicitadas no próximo tópico e com a intenção de compreender o fenômeno social apresentado, se não em sua totalidade, ao menos no recorte espaço-temporal proposto. Embasados nos resultados das análises, realizaremos uma discussão teoricamente fundamentada que, para além de aprofundar os dados coletados, também proporcionará a emersão de um debate social urgente.

## Procedimentos metodológicos

Para satisfazer as questões desta pesquisa, foram fundamentais a coleta e a análise de modo imparcial do maior número possível de dados, critério que também guiou nossas escolhas metodológicas, levando-nos à Análise de Redes Semânticas em postagens do Twitter.

A coleta desses tweets foi realizada através de raspagem de dados (ALVES, 2016) com o *script* Twint, em linguagem Python, que permite a coleta das publicações sem as restrições de API<sup>1</sup> (interfaces entre aplicativos que determinam quais informações podem ser fornecidas) e garante que todas as publicações não deletadas serão contabilizadas. Buscamos por tweets publicados dentre os dias 10 de março (início aproximado das medidas de distanciamento social no país) e 10 de maio de 2020 (completando 2 meses de análise), em português e que apresentassem simultaneamente ao menos uma palavra-chave de cada um dos dois grupos estipulados, sendo o primeiro vinculado à problemática da pandemia e o segundo grupo à questão de gênero aqui debatida.

Assim, delimitamos como palavras-chave para a seleção: “coronavírus” (e as palavras “corona” e “vírus”<sup>2</sup> separadamente), “covid-19”, “quarentena”, “isolamento”, no primeiro grupo semântico, e “machismo” ou “violência” e “mulher” no segundo - obtendo 2.539 publicações, número que define nosso *corpus*. A título de experimento, testamos também apenas as palavras “violência contra mulher” nas mesmas datas, entendendo que, por se tratar de um período em que todo o país vivencia as consequências da pandemia, grande parte das publicações se relacionariam com a problemática, ainda que não mencionassem os termos listados, chegando a 11.012 tweets. Contudo, considerando que não há como provar tal suposição e que o número encontrado na primeira amostragem é suficiente para uma análise empírica satisfatória, manteremos apenas aqueles que necessariamente mencionem ao menos um dos termos de cada grupo semântico definido.

O material coletado foi processado com o *software* WORDij (DANOWSKI, 2010), programa de linguística computacional, utilizando a aplicação WORDLINK, responsável pela interpretação de registros de pares de palavras a partir da Análise de Redes Semânticas, uma forma alternativa da Análise de Conteúdo que, “no lugar de codificar diretamente as mensagens para responder à pergunta de pesquisa”, “representa primeiramente o conteúdo das mensagens como uma rede de objetos” (ATTEVELDT, 2008, p. 4). Tal metodologia, derivada

<sup>1</sup> Para mais detalhes sobre as restrições de coleta de dados no Twitter através da API oficial da plataforma e, em contraponto, a partir da técnica de raspagem de dados, ver Freelon (2018).

<sup>2</sup> Ainda que a grafia correta seja “coronavírus”, percebeu-se que um número relevante de usuários escreveu os vocábulos separados ou apenas um deles para se referir ao todo.

principalmente da Ciência da Computação, defende ser possível definir as linhas discursivas de um texto a partir da observação de relação entre os vocábulos, mais especificamente o número de co-ocorrências de pares de palavras (DANOWSKI, 1993). Assim, as ferramentas utilizadas mapeiam não só a frequência, mas, principalmente, a proximidade entre as palavras, contabilizando as três anteriores e posteriores de cada termo e permitindo a visualização de padrões semânticos. Vocábulos cujos significados não acrescentariam à análise, como conjunções, preposições, pronomes e conjugações do verbo “ser” foram removidos da seleção.

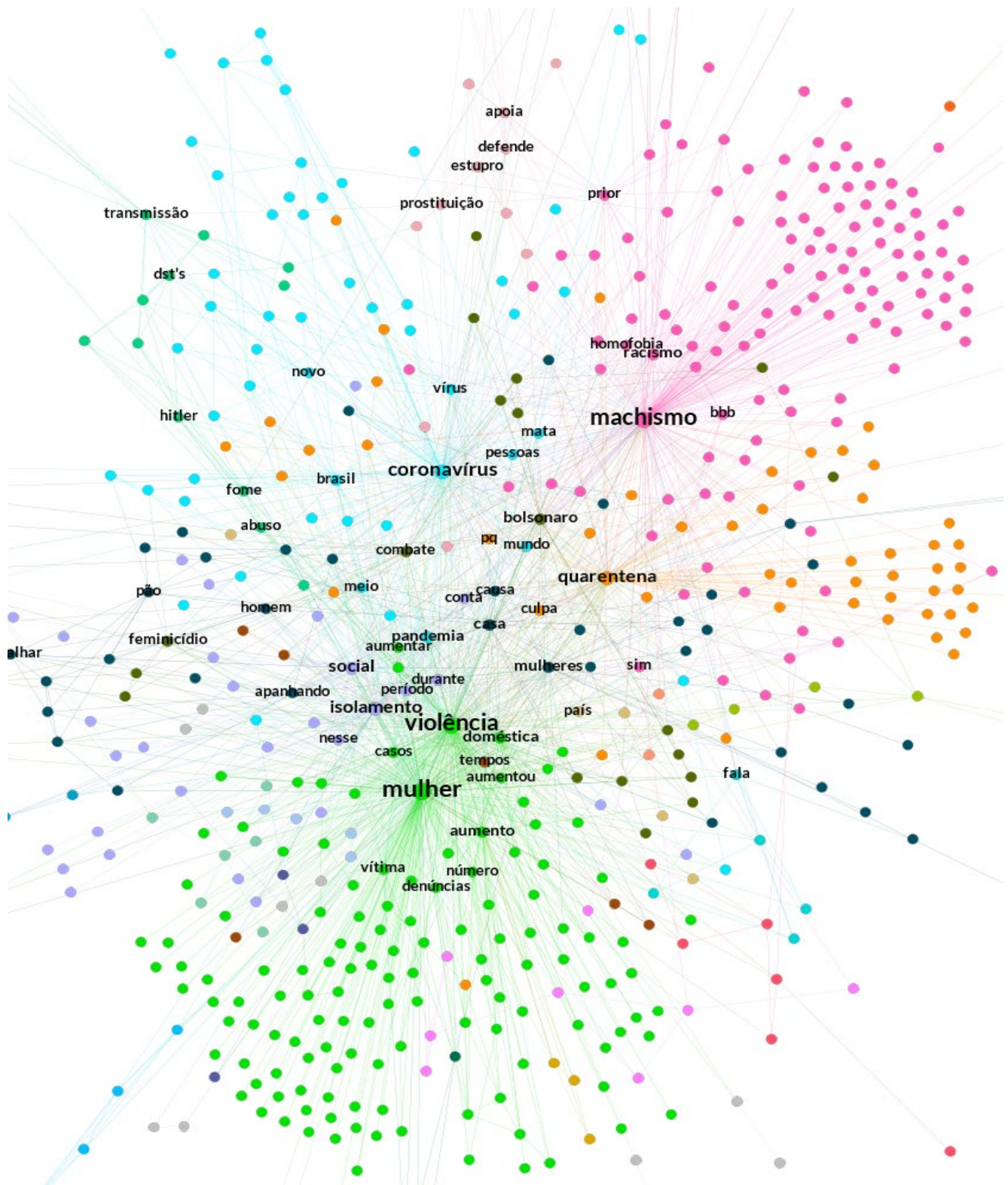
Visando simplificar a observação, o material foi trabalhado no *software* Gephi (BASTIAN; HEYMANN; JACOMY, 2009) através do *layout* ForceAtlas2 e adaptado para mapas visuais, podendo ser observado em sua forma simplificada no grapho 1<sup>3</sup>. Nele, cada palavra é correspondida com um nó (círculo colorido), que varia de tamanho conforme a quantidade de pares que esta estabelece. As palavras presentes no grapho serão indicadas em itálico. Os nós são interligados pelos laços (linhas entre os círculos), baseadas nas co-ocorrências entre esses pares - quanto mais próximos os nós, mais frequente a relação entre eles. Por fim, aquelas associações mais fortes formam um *cluster* (representado pela cor dos nós e laços), isso é, agrupamentos semânticos de linha discursiva aproximada. A seguir, analisaremos empírica e teoricamente os *clusters* e laços identificados.

---

<sup>3</sup> Devido às restrições de formato de um artigo e a complexidade do mapa semântico, optamos por trazer uma versão simplificada do grapho resultante, porém disponibilizamos também o material completo e com recursos interativos de navegação através do link <[insightee.com.br/covidmulher/](http://insightee.com.br/covidmulher/)>



**Grapho1** - parte central da rede semântica de *tweets* contendo as palavras-chave “quarentena”, “coronavírus”, “isolamento” ou “covid-19” e “machismo” ou “violência” e “mulher”, coletados entre os dias 10 de março e 10 de maio de 2020.



Fonte: os autores.

## Resultados e discussão

Acerca dos resultados, foram identificados cinco principais *clusters*, sendo quatro diretamente relacionados às palavras-chave - *violência/mulher*, *machismo*, *quarentena*, *coronavírus*<sup>4</sup>, *isolamento/social* - e o quinto ligado principalmente pelas palavras *casa* e *mulheres*. Para evitar repetições, traremos a discussão teórica junto aos resultados, dividindo-os por tema central das linhas discursivas encontradas e buscando exemplificar com postagens que compõem o *corpus* deste estudo. Contudo, cabe salientar que todas as palavras-chave apresentam laços entre si e relativa proximidade no centro do mapa, o que demonstra que, de fato, houve um esforço dos usuários em associar as questões que envolvem a Covid-19 e a violência contra a mulher.

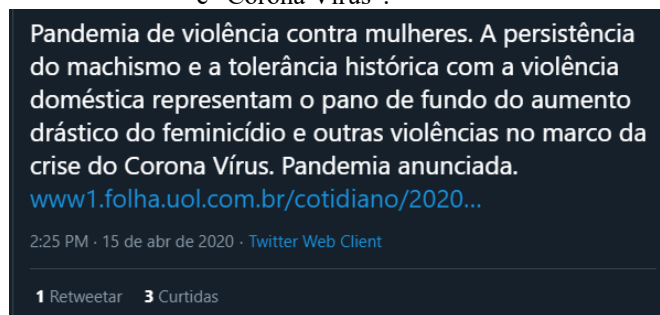
### a) Machismo e violência contra a mulher

O *cluster* centrado no vocábulo *machismo* é o maior do grafo, enquanto o segundo maior é o que traz as palavras *violência* e *mulher*, essa última sendo o termo com mais conexões em toda a rede. As palavras mais próximas a estes últimos são *aumento/aumentou*, *casos* e *doméstica* - esta significativamente mais perto de *violência*. Pouco mais distante, encontram-se variações do verbo *aumentar*, além de *crecem*, *consideravelmente*, *índice(s)*, *vítima(s)*, *situação*, *denúncia(s)*, *números*, *sofre(m)*, *ações* e *alerta*. Essas palavras, centralizadas no *cluster* e em todo o *grapho*, apontam a constatação do aumento de casos de violência contra a mulher, especialmente a violência doméstica, durante o isolamento social (Figura 1). Tal preocupação encontra justificativa, pois, como afirma Saffioti (2015), a manifestação da violência contra a mulher ocorre, com muita frequência, em espaços privados, dificultando sua identificação e erradicação. Sobre o seu reflexo em números, segundo o Mapa da Violência de Gênero (LUTTERBACH, 2018), em 2017, 30% das mulheres assassinadas no Brasil foram mortas em casa, o que aconteceu para 11% dos homens.

---

<sup>4</sup> Para facilitar a análise, optamos por tratar os dados de modo em que todos os termos referentes a coronavírus (como "corona" ou "corona vírus") fossem integrados ao nó único de "coronavírus".

Figura 1 - Tweet contendo os termos “violência contra mulher”, “machismo”, “violência doméstica”, “aumento” e “Corona Vírus”.



Fonte: Twitter.com<sup>5</sup>

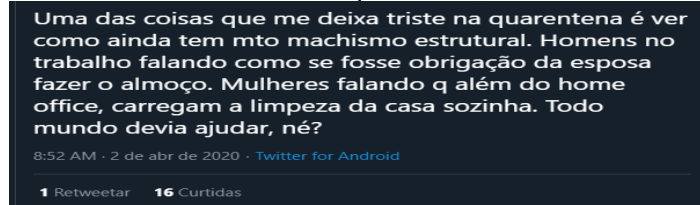
Para além da violência doméstica, aparentemente centrada na agressão física, encontramos outros termos que remetem à violência sexual, com menções a *sexual*, *assédio*, *estupro* e *estuprada*. É certo que não existe uma clareza conceitual do termo “violência doméstica”, porém, na materialização da agressão física, com diferentes graus de violação da integridade da saúde da vítima, e com marcas visíveis, é que se dá o entendimento, ao menos do senso comum, acerca do seu significado. O *feminicídio* seria, assim, o nível máximo dessa violação e as atenções ao assassinato de mulheres são verbalizadas nos comentários por meio das diferentes conjugações do verbo *matar*. Outros tipos de violência contra as mulheres além da *doméstica* e *sexual*, como a psicológica, a racial, a moral, a patrimonial, a verbal e a simbólica, e muitas opressões que se escamoteiam no cotidiano das esferas pública e privada (FLEURY-TEIXEIRA; MENEGHEL, 2015), acabam silenciados, possivelmente pela frequente representação da violência física e sexual contra a mulher em números.

A força do nó *machismo* demonstra a percepção de uma relação de causalidade, desde a constatação da sua existência pelos nós *enraizado* e *estrutural* (Figura 2), até sua representação como um mal difícil de se combater, através dos termos *doença* e *câncer* que, de forma metafórica, qualificam o *machismo*. A necessidade de se afirmar que o machismo existe descortina o fato de que ainda não superamos a fase de negação das desigualdades alicerçadas em gênero.

<sup>5</sup> Entendemos que a ilustração das discussões apresentadas no texto por meio de tweets reais seja positiva para a leitura e entendimento do artigo. Porém, para isso, somos confrontados com o dilema da ética em pesquisas com mídias digitais. Seguimos a premissa apresentada no artigo “Social Media Research: A Guide to Ethics” (TOWNSEND; WALLACE, 2016, p. 6 e 7, tradução nossa) ao considerar que, em pesquisas quantitativas que partem de um grande volume de dados, é “virtualmente impossível” conseguir a permissão ou consentimento de todos os “participantes” (que não são necessariamente voluntários). “Proteger a identidade de participantes não voluntários torna-se ainda mais crucial quando os dados acessados se referem a assunto sensível, especialmente ao expor tais dados em novos contextos e para novos públicos, pode-se colocar os usuários de mídia social em risco potencial.” O anonimato dos autores (ou, no caso, suas contas pessoais), então, foi elegido como melhor solução para a questão, mantendo a fonte apenas como a plataforma de origem.



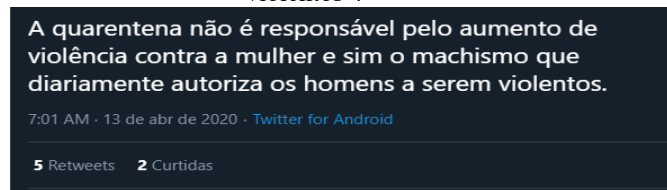
Figura 2 - Tweet contendo os termos “quarentena”, “machismo” e “estrutural”.



Fonte: Twitter.com

Curiosamente, os nós *homem* e *homens*, trazem poucos laços: o primeiro apresenta relações diretas com os nós *mulher*, *coronavírus*, *isolamento*, *social*, *machismo* - entre outros discutidos abaixo; já o plural com *machismo*, *mulheres*, *quarentena*, *casa*, *agressivos* e *violentos* (Figura 3). Essa particularidade revela que pouco se fala sobre os agressores. A *agressividade* seria uma das marcas do *machismo estrutural* que posiciona a masculinidade hegemônica e seu ideal cultural caracterizado pela violência e agressividade, além da repressão das emoções (BADINTER, 1993). No entanto, socialmente se minimiza a magnitude da violência contra as mulheres através de uma série de justificativas, encarcerando-a na marginalidade como problema de “alguns”, classificados como “loucos, anormais ou psicopatas” (MARTYNOWSKYJ, 2015).

Figura 3 - Tweet contendo os termos “quarentena”, “violência contra mulher”, “machismo”, “homens” e “violentos”.



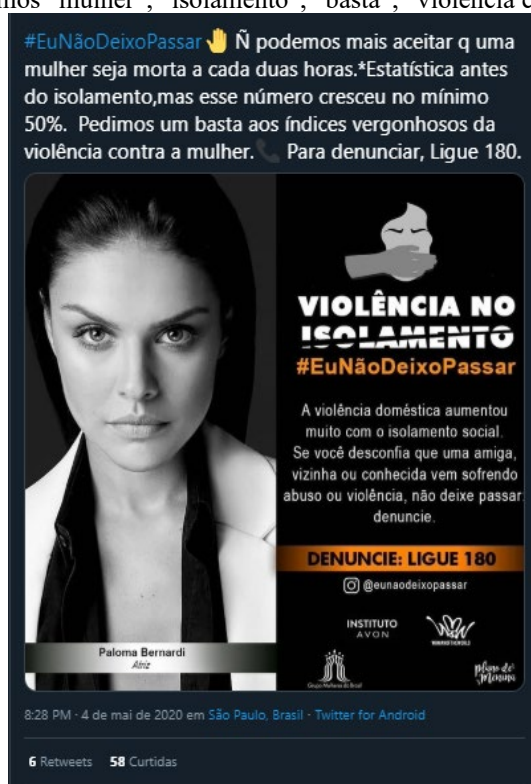
. Fonte: Twitter.com

Compreendemos que o *machismo* se estrutura no *patriarcado* e que se consolida em um regime que se baseia na dominação/exploração das mulheres pelos homens, assim, em desigualdades (SAFFIOTI, 1987). A abrangência dessas desigualdades na vida cotidiana das mulheres, com forte eco na esfera política, é ampla, abarcando sua trajetória restrita no mundo público, as duplas ou triplas jornadas de trabalho, os salários desiguais para as mesmas funções desempenhadas por homens, a divisão desequilibrada de responsabilidades domésticas e com o cuidado dos filhos no mundo privado, o controle de suas sexualidades, entre outras (MARTINEZ; LAGO; LAGO, 2016). Esse entendimento se fez presente de forma explícita em comentários analisados, materializados nos vocábulos *diariamente*, *opressão*, *relacionamento abusivo* e *assédio*.

Especificamente sobre o contexto do isolamento social provocado pela pandemia, Vieira, Garcia e Maciel (2020, p.03) afirmam que, em confinamento, as mulheres são vigiadas e controladas. Longe de amigos e familiares, amplia-se a margem de ação para a manipulação psicológica e para o controle das finanças domésticas. Com a crise econômica, “a perda de poder masculino fere diretamente a figura do macho provedor, servindo de gatilho para comportamentos violentos”. A relação entre o machismo e a face mais cruel da violência contra a mulher se delineia no mapa semântico resultante das análises quando emergem os termos *crimes, agressão e matar*.

Casos específicos narrados pela mídia, explicitados pelos termos *entrevista, tv, RJ, ontem, agredida, expulsa, estuprada*, também se encontram inseridos nestes *clusters*. Identificamos, ainda, nós que representam um sentimento de revolta e tristeza associado às notícias, a partir dos termos *infelizmente, basta e triste*, significativos para entender o posicionamento médio dos discursos (Figura 4). Constatamos, aqui, a relevância de conteúdos jornalísticos como mediadores do debate social. Nesse sentido, o papel dos usuários do Twitter se configura, para além de produtores, como recirculadores da informação advinda da imprensa, “espalhando pelos agrupamentos da rede determinados desdobramentos em detrimento de outros” (ANGELUCI; SILVA, 2019, p. 70).

Figura 4 - Tweet contendo os termos “mulher”, “isolamento”, “basta”, “violência contra a mulher” e “ligue”.



Fonte: Twitter.com

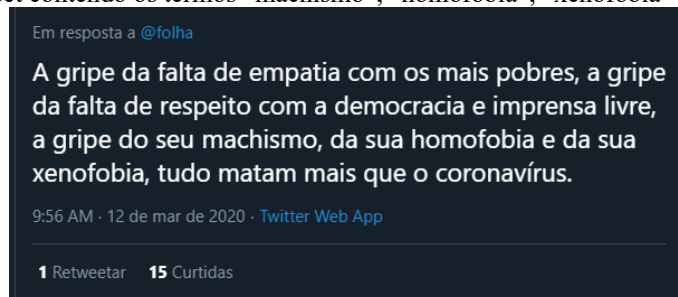
Como expressão de resistência, encontramos no *corpus* os termos *militância*, *luta* e *feminismo*, com forte alusão a um sentimento de revolta e invocação de palavras de ordem e movimento. Surgem, então, ações de combate, com menos força no mapa semântico, com conexões que incentivam a denúncia, verbalizada pelos termos *denuncie*, *disque*, *ligue*, *secretaria*, *coordenadoria*, *serviços*, *núcleo*, *estadual* e *advogada* (Figura 4) –, provavelmente impulsionadas pela presença mais frequente de campanhas que incentivem mulheres em situação de violência a denunciarem durante a pandemia, associadas a canais de denúncia por aplicativo e realização de boletins de ocorrência online, além de um sistema de alerta em farmácias<sup>6</sup>. Os usuários também denunciam aqueles que não se manifestam contrários a atitudes machistas, principalmente através da expressão *passando pano*. Percebemos que está na militância, embalada pelo movimento feminista, a possibilidade de uma maior equidade de gênero. Esse pensamento se fundamenta, mesmo que por vezes de forma intuitiva, no *slogan* “o pessoal é político”, amplamente difundido no Brasil pelo movimento feminista a partir da década de 70. A crítica endereçada à separação dicotômica entre as esferas pública e privada se fortalece a partir dessas palavras de ordem. O que se evoca no argumento feminista é a presença de uma intersecção estrategicamente silenciada entre as duas esferas da vida, que posiciona os espaços de atuação de homens e mulheres, resguardando o poder masculino a ambas (FRASER, 1989).

Intersecções entre as desigualdades de gênero e outras relações de poder são verbalizadas no *corpus* quando o machismo se conecta aos termos *xenofobia*, *racismo*, *lgbtobia* e *gordofobia* (Figura 5). Entendemos que, para além do *preconceito* - vocábulo frequentemente associado -, aspectos raciais, de classe, da sexualidade e nacionalidade se configuram marcadores sociais que, assim como gênero, são estruturantes. Ainda que cada pilar da dominação/exploração resguarde uma lógica própria, eles não atuam separadamente, ao contrário, adquirem uma dinâmica particular quando entrelaçados em um nó que é frouxo e que permite “mobilidade para cada um de seus componentes” (SAFFIOTI, 2015, p.133).

---

<sup>6</sup> O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e a Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) iniciaram a partir de 10 de junho de 2020 a campanha “Sinal vermelho para a violência doméstica”. A medida tem como foco auxiliar mulheres em situação de violência a pedirem ajuda nas farmácias do Brasil. Com um “X” vermelho na palma da mão, a vítima sinaliza que está em situação de violência nesses estabelecimentos. Munidos do nome e endereço da mulher, os atendentes das farmácias que aderirem à campanha devem ligar para o 180 e reportar a situação (BANDEIRA, 2020).

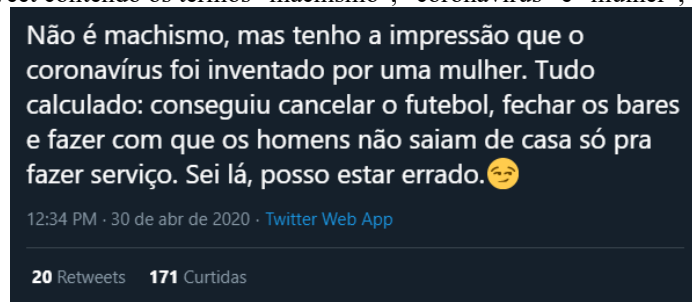
Figura 5 - Tweet contendo os termos “machismo”, “homofobia”, “xenofobia” e “coronavírus”.



. Fonte: Twitter.com

Todavia, a força do nó *machismo* também é justificada pelo uso do termo em comentários hiperbólicos e jocosos, provocando um possível esvaziamento do conceito ao apresentar argumentos que, de fato, reproduzem práticas machistas, muitas vezes afiançadas pelo humor, suavizando a violência simbólica do discurso (Figura 6).

Figura 6 - Tweet contendo os termos “machismo”, “coronavírus” e “mulher”, em tom jocoso.



Fonte: Twitter.com

Recuero e Soares (2013), ao estudarem a violência simbólica em páginas de humor do Facebook, constatam que um efeito do discurso proferido cuja base reside no humor é a sua naturalização diante do cotidiano. O suposto teor inofensivo dessas postagens, mascara seu sentido e potencial efeito, a manutenção do sistema patriarcal que sustenta as desigualdades de gênero. Possivelmente, aqueles que as publicam nem mesmo refletem acerca de suas ações. Como afirmam Stocker e Dalmaso (2016, p. 683), “o machista atua como tal sem necessariamente ser capaz de explicar ou dar conta da razão interna de seus atos, já que unicamente se limita a reproduzir e a pôr em prática o sexismo da sua cultura”.

Outra palavra central que delinea consideravelmente o *cluster* é a sigla *BBB*, referente à vigésima edição do *reality show Big Brother Brasil*, que teve sua final exibida dia 27 de abril de 2020 e, marcado por episódios que levaram à internet inúmeros debates sobre pautas sociais, quebrou diversos recordes de audiência e interatividade do formato<sup>7</sup>. Assim, nomes de

<sup>7</sup> Segundo o Livro dos Recordes (SÁNCHEZ, 2020), no dia 31 de março de 2020, o *Big Brother Brasil* quebrou o recorde de “maior quantidade de votos do público recebidos por um programa de televisão”, com mais de 1,5 bilhões de votos.

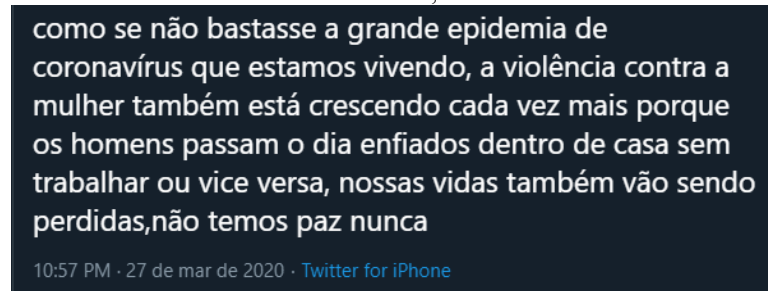
participantes do programa também foram identificados no *corpus* (*Babu, Thelma, Manu, Prior, Pyong e Daniel*)<sup>8</sup>. Mediados pelo programa, a enxurrada de postagens centradas no machismo reafirma a arena de uma batalha de sentidos. Ora falava-se de forma séria e consciente das desigualdades de gênero que se revelavam, ora desqualificava-se a pertinência do debate.

O que podemos constatar é que há uma “permissão de humor” para desacreditar o conteúdo focado em um debate social consciente, o que torna ainda mais complexa e desafiadora a luta pela equidade de gênero.

### b) Quarentena e isolamento social

O grupo centralizado pelo nó *quarentena* encontra-se mais imbricado ao *cluster machismo* que aos demais. As duas palavras que mais se ligam à *quarentena* são *dia* e *acabar*, indicando desejo ou previsão, bem como a contagem dos *dias* desde o começo do isolamento social, demonstrando um sentimento de angústia inerente ao momento. Também, próximo está o termo *culpa*, que se liga a nós de outros *clusters*, mostrando que os posts responsabilizam a *quarentena* e o *isolamento social* pelo aumento dos casos (*violência, mulher, doméstica, aumento, aumentou, machismo*) (Figura 7), mas também culpabilizam o *presidente Jair Bolsonaro* pela situação. Ainda neste *cluster*, identificamos um agrupamento formado pelos termos *veja, onde, buscar e ajuda*, mais uma vez indicando o desejo dos usuários em auxiliar as vítimas.

Figura 7 - Tweet contendo os termos “coronavírus”, “violência contra a mulher” e “crescendo”.



Fonte: Twitter.com

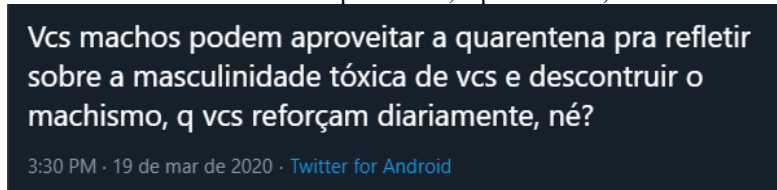
Alguns *tweets*, embarcando na relevância do tema, sugerem que o período seja de reflexão para a causa. As palavras, *aproveita e refletir*, cujos laços se dão unicamente ao nó *quarentena*, indicam usuários recomendando que colegas utilizem o “tempo livre” para se

<sup>8</sup>Alshaabi et al. (2020) apresenta os 20 termos ou símbolos mais mencionados nas três primeiras semanas de março de 2020 para as línguas mais utilizadas no Twitter, sendo a pandemia do coronavírus o assunto mais citado, em média, com uma grande diferença. Contudo, destaca-se o evidente contraste do resultado para a língua portuguesa, em que 13 resultados se referem ao programa da Rede Globo.



educar sobre as desigualdades de gênero (Figura 8), assim como a palavra *vamos*, que tem laços com *falar*, *machismo* e *atenção*. Esse chamado revela uma característica da própria mídia, o ativismo digital, que ocorre em diferentes escalas e com inúmeros propósitos. Recuero, Zago e Bastos (2015) apontam para o papel das tecnologias digitais como viabilizadoras de espaços onde diferentes atores se tornam agentes no ecossistema de circulação de informações e de debates sociais. Esses públicos se familiarizam com determinadas características das redes, como buscabilidade, replicabilidade, permanência das interações nos arquivos e audiências invisíveis, essenciais para a concepção do ativismo em rede.

Figura 8 - Tweet contendo os termos “aproveitar”, “quarentena”, “refletir” e “machismo”.



Fonte: Twitter.com

Os nós *isolamento* e *social*, que, de modo previsível trazem uma forte ligação entre si, também estão próximos de palavras que indicam uma menção causal - *devido*, *neste*, *nesse*, *momento*, *durante*, *período*, *umenta*, *umentaram* e *casos* - estando todas essas palavras ligadas também à *violência* e *mulher*. A estas, também fazem laços os nós *mulheres* e *casa*, que, por sua vez, trazem co-ocorrências com as palavras *ficar*, *dentro*, *vida*, *agressores*, *causa*, *expostas*, *brigam*, *apanham*, *apanhando*, *meninas* e *homens*. A *China* também aparece como exemplo de caso, quando usuários mencionam que esse foi o primeiro país a aderir ao *isolamento* para falar que a *violência* contra *mulher* *umentou* *durante* a *quarentena*.

Considerando a sua proximidade com os clusters anteriormente discutidos, a maior parte das linhas discursivas aqui presentes associadas à *quarentena* e ao *isolamento social* já foi debatida. Assim, traremos para esta discussão somente os pontos que ainda não receberam as devidas atenções. Apontamos para a constatação da casa como lugar inseguro, considerando que essa questão se relaciona à própria lógica do confinamento e/ou isolamento social quando relacionado à violência contra a mulher e ao machismo estrutural.

Aqui nos interessa sugerir a centralidade da casa no que concerne à formação do patriarcado, especialmente no Brasil. É sob o teto da casa-grande que os senhores patriarcais exercitam livremente o poder que lhes é conferido e suas primeiras expressões são gestadas no interior das famílias (FREYRE, 1954). São nessas relações que aprendem a dominar e a expandir os seus domínios, destinando, sobretudo às mulheres, o lugar da subalternização. O

estudo revela as disposições dos diferentes grupos étnicos de mulheres (negras, indígenas e brancas) como premissa fundamental para a instalação do sistema econômico colonial. Se a casa como ambiente inseguro se torna o centro de gravidade evocado pela atual crise política e sanitária, é exatamente pelo fato de que não se pode escapar desse lugar para entender e complexificar as violências nas relações de gênero.

### c) Crise na saúde pública e o papel do Estado

Os *clusters* restantes estão menos condensados e mais imbricados por toda rede. A partir deles é possível visualizar diferentes linhas discursivas, sendo a mais notória (dentre as que ainda não foram mencionadas nos tópicos acima) as que tratam da ação estatal diante da pandemia. A cobrança por uma presença ativa do Estado para a redução das desigualdades sociais, como a de gênero, em um momento de crise, encontra forte justificativa, considerando seu agravamento durante a pandemia. “Para atenuá-las ou diretamente erradicá-las, não somente é necessário contar com um Estado presente: é prioritário que esse Estado tenha um rosto mais humano” (FRENTE A LA..., 2020, tradução própria).

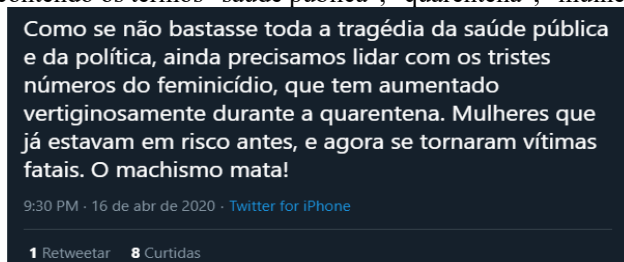
Notoriamente, o nó *coronavírus* traz fortes correlações com palavras envolvendo a *saúde* - ou, mais especificamente, a eminente *crise da saúde pública* - expressas nos termos *evitar, epidemia, pandemia, COVID, enfrentamento, combater, avanço, disseminação, caso, transmissão, doença, órgãos, morte, matam, risco, cura*, assim como comparações com outras enfermidades como *câncer, dengue e DST*. Carrega um posicionamento de *medo*, alerta (*alertam*) e preocupação (*preocupam*), na medida em que o *vírus avança na América Latina*.

Considerando o foco dos comentários, extraídos a partir das palavras-chave “machismo” e “violência contra a mulher”, tais preocupações com a crise sanitária e política se conectam à problemática central, como exemplifica a Figura 9. Assim, os comentários analisados sugerem não apenas a fragilidade do Estado para lidar com as questões relacionadas diretamente à pandemia, como também o culpabiliza por ser omissivo no que concerne a políticas públicas voltadas à equidade de gênero. “Vivemos a exacerbação de problemas que nos acompanham, reforçados por modelos de pensamentos retrógrados, misóginos e de ataque ao papel do Estado, encolhendo políticas públicas que seriam fundamentais para enfrentarmos de maneira mais justa o contexto da pandemia” (VIEIRA; GARCIA; MACIEL, 2020, p.03).

Assim, reconhecemos que, embora haja um fortalecimento do movimento feminista e da luta por equidade de gênero na esfera social, o qual ecoa nas redes sociais, a recente mudança de rumo da política brasileira fez emergir discursos machistas, significando um retrocesso social. “É bastante provável que só a história venha nos permitir saber o tamanho e a

intensidade da devastação que as forças de direita estão promovendo no país” (RODRIGUES, 2016, p.30). Uma direita, diga-se de passagem, caracterizada não apenas pelo conservadorismo e pelo militarismo, mas também pelo fundamentalismo religioso, aprofundando a continuidade do patriarcado.

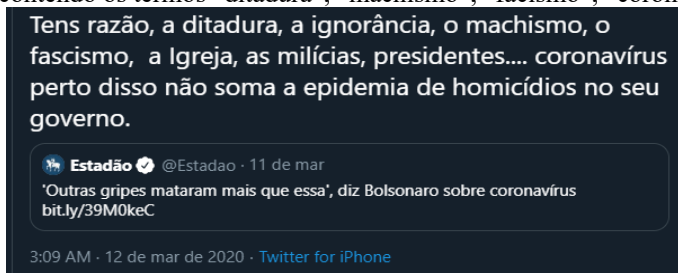
Figura 9 - Tweet contendo os termos “saúde pública”, “quarentena”, “mulheres” e “machismo”.



Fonte: Twitter.com

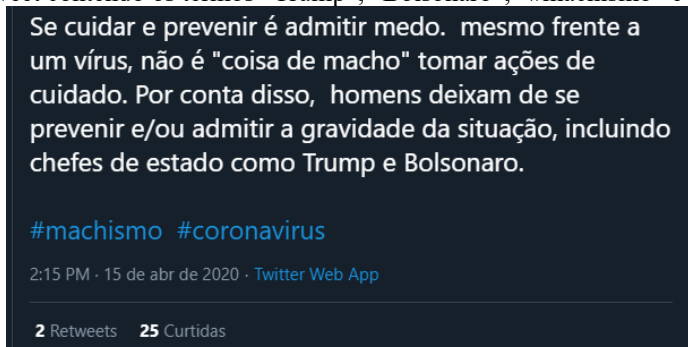
Entre os nós *coronavírus* e *culpa*, está o sobrenome *Bolsonaro*, que por sua vez possui laços com *machismo*, *homofobia*, *racismo*, *misoginia*, *nazismo* e *ditadura*, sinalizando que esses comentários fazem oposição ao governo (Figura 10). O nó *delira*, que faz ligação com *Bolsonaro*, *culpa*, *aumento* e *isolamento*, evidencia críticas às medidas estatais no combate à disseminação da Covid-19. Também são traçadas comparações à presidência americana, com o nó *Trump* estabelecendo laços com *Bolsonaro*, *machismo*, *prejudica*, *combate* e *coronavírus* (Figura 11).

Figura 10 - Tweet contendo os termos “ditadura”, “machismo”, “facismo”, “coronavírus” e “governo”.



Fonte: Twitter.com

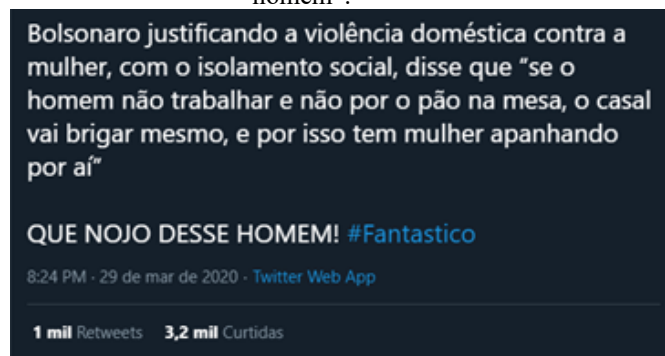
Figura 11 - Tweet contendo os termos “Trump”, “Bolsonaro”, “#machismo” e “#coronavírus”.



. Fonte: Twitter.com

Além das ligações já mencionadas, o nó *homem*, pertencente ao *cluster* centralizado por *violência* e *mulher*, tem laços também com *trabalhar*, *pão* e *mesa* - referência a uma fala supostamente proferida pelo presidente Jair Bolsonaro (“se o homem não trabalha e não põe o pão na mesa, o casal tem que brigar mesmo, por isso a mulher apanha”<sup>9</sup>) (Figura 12), que, além de desconsiderar as verdadeiras causas da violência contra a mulher, ainda enfatiza que o lugar do homem não é o espaço doméstico.

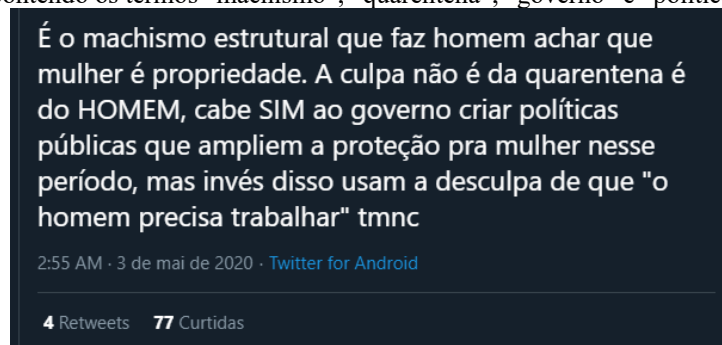
Figura 12 - Tweet contendo os termos “Bolsonaro”, “violência doméstica” e “contra mulher”, “isolamento” e “homem”.



Fonte: Twitter.com

Outros agrupamentos semânticos que cabem ser mencionados são: *cortes*, *políticas*, *públicas*, *fome*, *desemprego* e *recorde* (Figura 13); *projetos*, *senado*, *buscam*, *proteger* e *mulher*; *polícia*, *civil* e *militar*; e *saúde*, *mental* e *pública* - constatando novamente que os usuários acreditam que as problemáticas em questão são também de responsabilidade estatal.

Figura 13 - Tweet contendo os termos “machismo”, “quarentena”, “governo” e “políticas públicas”.



Fonte: Twitter.com

Ao analisar os nós e as linhas discursivas que aqui se delineiam entendemos que há um alinhamento entre os comentários que constroem as redes semânticas com um pensamento de esquerda, ou ao menos que se opõe à ultradireita. É certo que esse grupo específico não pode ser considerado como representativo de um movimento contrário ao governo, já que o estudo

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/1807351229423014/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

emerge de uma rede social notadamente panfletária e de um tema localizado mais distante do conservadorismo do que possivelmente demais temas presentes na sociedade como um todo. Sobre esse posicionamento ideológico, com fortes marcas na ação política, Bobbio (1995) afirma que os movimentos reconhecidos como de esquerda se associam à doutrina do igualitarismo, “não como utopia de uma sociedade em que todos são iguais, mas como tendência [...] a favorecer políticas que objetivam tornar mais iguais os desiguais” (p. 110). O que, por sua vez, justifica a aproximação do feminismo com a esquerda.

## Conclusão

Fomos motivados a eleger o Twitter como ambiente a ser explorado primordialmente devido às apropriações que os usuários fazem da plataforma, posicionando-se como produtores e recirculadores de conteúdo e tornando esse espaço virtual uma esfera pública ávida pelo debate político. Nosso recorte se ateve a duas questões específicas: o isolamento social decorrente da pandemia do novo coronavírus e a violência contra a mulher em uma sociedade machista. Esse recorte nos revelou também a relevância da plataforma como canal de comunicação entre vozes oficiais e usuários.

Assim, optamos por uma trajetória empírica que nos direcionasse a compreender como se constrói a discussão sobre o tema proposto, se não na totalidade do fenômeno, ao menos no recorte espaço-temporal elencado. Por meio da aplicação do *software* WORDLINK, responsável pela interpretação de registros de pares de palavras a partir da Análise de Redes Semânticas, processamos todos os comentários do Twitter que emergiram da busca por palavras-chave pré-definidas relacionadas à temática e, em seguida, adaptando os resultados num mapa semântico para melhor visualização.

Foram identificados três temas centrais: *machismo e violência contra a mulher; quarentena e isolamento social; crise na saúde pública e o papel do estado*. A análise do mapa semântico permitiu a visualização e interpretação das linhas discursivas médias presentes em nosso escopo, as quais foram exemplificadas por meio de tweets - trazidos aqui ao longo da discussão dos resultados.

Em geral, os usuários demonstraram entender que há uma forte relação de causalidade entre o isolamento social e o aumento da violência contra a mulher, especialmente a doméstica, apresentando uma posição de combate, denúncia e até tentativas de formação de rede de apoio. Também conferem ao governo responsabilidade pela situação atual, seja no âmbito da crise da saúde, seja no que concerne às desigualdades de gênero. Numa proporção menor, mas ainda



sobressalente, identificamos *tweets* que mencionam o machismo de forma jocosa e hiperbólica, revelando a disputa ideológica em torno do problema, o que leva a um possível esvaziamento do seu significado.

Por fim, evidenciamos o caráter panfletário das redes sociais digitais, em especial do Twitter, mostrando-se um importante ambiente de debate social, sobretudo no contexto de isolamento. Cabe aqui ressaltar que parte significativa da produção relevante e de grande circulação nos Sites de Redes Sociais é de autoria dos próprios usuários, principais influenciadores da rede (ANGELUCI; SILVA, 2019), o que gera conteúdo potencialmente plural, porém muitas vezes carente de aprofundamento.

A população - ao menos a parcela com acesso e letramento digital - tem muito a se beneficiar com a inserção de pautas de interesse social, como as aqui estudadas, nestes espaços virtuais. Para além de conclusões intrínsecas ao conteúdo analisado e ao recorte estudado, destacamos as múltiplas possibilidades de aplicação da Análise de Redes Semânticas em estudos futuros, tendo as redes sociais digitais como ambiente a ser investigado.

## Referências

ALSHAABI, T. et al. **How the world's collective attention is being paid to a pandemic: COVID-19 related 1-gram time series for 24 languages on Twitter.** [online]. 2020. Disponível em: [pdodds.w3.uvm.edu/permanent-share/covid19-ngrams-revtex4.pdf](http://pdodds.w3.uvm.edu/permanent-share/covid19-ngrams-revtex4.pdf). Acesso em: 10 ago. 2020.

ÁLVARES, C. Pós-feminismo, Misoginia online e a despolitização do privado. **Media&Jornalismo**, Lisboa, v. 17, n. 30, p. 99-110, 2017.

ALVES, M. Abordagens da coleta de dados nas mídias sociais. *In*: SILVA, T.; STABILE, M. (Orgs.). **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações.** São Paulo: Uva Limão, 2016. p. 67- 83.

ANGELUCI, A.; SILVA, M. Disseminação de Informações no Twitter: uma análise sobre o debate eleitoral dos presidentiáveis de 2018 no Brasil. **Comunicação & Inovação**, v. 20, n. 43, p.45-72, mai./ago. 2019.

ATTEVELDT, W. V. **Semantic network analysis: Techniques for Extracting, Representing, and Querying Media Content.** Charleston: BookSurge Publishers, 2008.

BADINTER, E. **XY: sobre a Identidade Masculina.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BANDEIRA, R. Sinal vermelho: CNJ lança campanha de ajuda a vítimas de violência doméstica na pandemia. **CNJ**, [S.l.], 10 jun. 2020. Disponível em: [cnj.jus.br/sinal-vermelho-cnj-lanca-campanha-de-ajuda-a-vitimas-de-violencia-domestica-na-pandemia/](http://cnj.jus.br/sinal-vermelho-cnj-lanca-campanha-de-ajuda-a-vitimas-de-violencia-domestica-na-pandemia/). Acesso em: 14 ago, 2020.

BASTIAN, M.; HEYMANN, S.; JACOMY, M. et al. **Gephi**: an open source software for exploring and manipulating networks. [online]. 2009. Disponível em: [gephi.org/publications/gephi-bastian-feb09.pdf](http://gephi.org/publications/gephi-bastian-feb09.pdf). Acesso em: 20 jul. 2020.

BOBBIO, N. **Direita e esquerda. Razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

FRENTE A LA PANDEMIA: Más Estado y con rostro humano. **CLACSO**, [S.l.], 18 de julho, 2020. Disponível em: [clacso.org/mas-estado-y-con-rostro-humano](http://clacso.org/mas-estado-y-con-rostro-humano). Acesso em: 7 ago, 2020.

DANOWSKI, J. A. Network analysis of message content. In: RICHARS, W. D. BARNETT, G.A. (Orgs.). **Progress in communication sciences**, v. XII. Nova Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1993. p. 198-221.

DANOWSKI, J. A. Inferences from word networks in messages. In: KRIPPENDORFF e BOCK, M. (Orgs.). **The content analysis reader**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2010. p. 421-430.

FLEURY-TEIXEIRA, E.; MENEGHEL, S. **Dicionário feminino da infâmia: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2015.

FRASER, N. **Unruly Practices: power, discourse and gender in contemporary social theory**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989

FREELON, D. Computational research in the post-API age. **Political Communication**, v. 35, n. 4, p. 665-668, 2018.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954.

LUTTERBACH M. **Mapa da Violência de Gênero. Gênero e Número**. [online]. 2018. Disponível em: <https://mapadaviolenciadegenero.com.br/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

MADUREIRA, A. et al. Perfil de homens autores de violência contra mulheres detidos em flagrante: contribuições para o enfrentamento. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, vol.18, n.4, p. 600-606. out-dez, 2014.

MALINI, Fábio. **Quando tudo parecia ser tão distante daqui: a eclosão das narrativas sobre covid-19**. [online]. 27 jul. 2020. Disponível em: [medium.com/@fabiomalini/quando-tudo-parecia-ser-t%C3%A3o-distante-daqui-a-eclos%C3%A3o-das-narrativas-sobre-covid-19-23ef531b1be1](https://medium.com/@fabiomalini/quando-tudo-parecia-ser-t%C3%A3o-distante-daqui-a-eclos%C3%A3o-das-narrativas-sobre-covid-19-23ef531b1be1). Acesso em: 29 jul. 2020.

MARADEI, A.; SANTOS, M. Violência contra as mulheres: o caso do estupro coletivo na esfera pública digital. **Intercom**. São Paulo, v.40, n.2, p.143-168, maio/ago, 2017.

MARTINEZ, M.; LAGO, C. & LAGO, M. C. de S. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p.ID22464, 21 mar./ago, 2016.

MARTYNOWSKYJ, E. Locos, psicópatas, anormales... o de las estrategias discursivas para invisibilizar el carácter estructural de la violencia de género. **Temas y debates**. Ano 19, n. 30, p. 161-174, 2015.

MUNIZ, M. Governo Bolsonaro e Twitter se unem no combate à violência doméstica. **Veja**, [S.l.], 27 jul., 2020. Disponível em: [veja.abril.com.br/blog/radar/governo-bolsonaro-e-twitter-se-unem-no-combate-a-violencia-domestica](http://veja.abril.com.br/blog/radar/governo-bolsonaro-e-twitter-se-unem-no-combate-a-violencia-domestica). Acesso em: 29 jul. 2020.

RECUERO, R. O twitter como esfera pública: como foram descritos os candidatos durante os debates presidenciais do 2º turno de 2014?. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 16, n. 1, p. 157 - 180, 2016.

RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017.

RECUERO, R.; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G.. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RODRIGUES, C. A quarta onda do feminismo. **Revista CULT**, N. 219, p. 30-47, 2016.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015

SÁNCHEZ, L. Big Brother Brasil faz história e bate recorde mundial. **Guinness World Records**, 25 abr., 2020. Disponível em: [www.guinnessworldrecords.com.br/news/2020/4/big-brother-brasil-faz-historia-e-bate-recorde-mundia](http://www.guinnessworldrecords.com.br/news/2020/4/big-brother-brasil-faz-historia-e-bate-recorde-mundia). Acesso em: 20 jul. 2020.

SCOTT, J.; OLIVEIRA, I. Perfil de Homens Autores de Violência Contra a Mulher: Uma Análise Documental. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, vol. 10, n. 2, p. 71- 88, jul./dez., 2018.

STOCKER, P.; DALMASO, S. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 24(3), n. 398, p. 679- 690, set./dez, 2016.

UCKUS, Fabiana. Consumo de mídia durante a pandemia de coronavírus no Brasil. Comscore. **Comscore**. [online]. 14 abr., 2020. Disponível em: [www.comscore.com/por/Insights/Blog/Consumo-de-midia-durante-a-pandemia-de-coronavirus-no-Brasil](http://www.comscore.com/por/Insights/Blog/Consumo-de-midia-durante-a-pandemia-de-coronavirus-no-Brasil). Acesso em: 29 jul. 2020.

TOWNSEND, L.; WALLACE, C. **Social media research: A guide to ethics**. Universidade de Aberdeen: 2016. Disponível em: [https://www.gla.ac.uk/media/Media\\_487729\\_smxx.pdf](https://www.gla.ac.uk/media/Media_487729_smxx.pdf). Acesso em: 28 out. 2020.

VIEIRA, P. R.; GARCIA, L. P. & MACIEL, E. L. N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Rio de Janeiro, v. 23, e200033, 2020.

---

<sup>a</sup> Professora efetiva do Departamento de Comunicação Social da UFS (Universidade Federal do Sergipe). Professora Permanente do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFS. Doutora em Comunicação Social e Pós-doutorado pela Universidad de Sevilla. São Cristóvão-SE, Brasil.

<sup>b</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe. Membro dos grupos de Pesquisa OBSCOM/CEPOS (UFS) e GENI: Gênero e Interseccionalidades na Comunicação (UFS). São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

<sup>c</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, Brasil.

#### **Conflito de interesses**

Não há conflito de interesses.